

DESLOCAMENTOS ARTÍSTICOS E ESTÉTICOS DO ACERVO DA LAJE DAS PERIFERIAS PARA OUTROS ESPAÇOS MUSEAIS A PARTIR DAS NOSSAS NARRATIVAS

Vilma Santos¹

José Eduardo Ferreira Santos²

RESUMO

Esse relato trata das experiências do Acervo da Laje nos últimos anos, quando ocorreram projetos e exposições em outros territórios periféricos e espaços museais centrais, levando as artes das periferias de Salvador para esses territórios. A experiência provocou deslocamentos estéticos e curatoriais, possibilitou uma ampliação das atividades do espaço e visibilidade no Brasil e na cidade do Salvador, produzindo trocas entre periferia e centro no campo das artes visuais.

*

O que é o Acervo da Laje?

O Acervo da Laje é uma Casa – Museu – Escola, localizado em duas casas no bairro São João do Cabrito, periferia de Salvador, conta com milhares de obras artísticas produzidas pela população local como bibliotecas, hemerotecas sobre o território do Subúrbio Ferroviário de Salvador, artefatos históricos e conchas. Além disso, o Acervo da Laje promove exposições dentro e fora do território, visitas guiadas, oficinas artísticas e bate-papo na laje, recebendo um público heterogêneo, que vai desde a população local (escolas, moradores, moradoras) até universidades, turistas, curadores e projetos sociais. Considerando que a maioria dos museus concentra-se no centro da cidade do Salvador, o Acervo da Laje é um dos primeiros espaços museais surgidos na periferia. Um ambiente que provoca deslocamentos estéticos dentro e fora da cidade, tencionando as noções de arte, e de centro e periferia. Mantido pela iniciativa própria de

¹ Professora, fundadora do Acervo da Laje. E-mail: ferreirasantosenator@gmail.com

² Professor, fundador do Acervo da Laje. E-mail: ferreirasantosenator@gmail.com

um casal de professores, Vilma Santos e José Eduardo Ferreira Santos, o Acervo conta com uma extensa rede de colaboração de moradores das periferias, estudantes universitários, professores/as e agentes culturais. Fundado em 2010, em 2011 o Acervo abre as portas para visitação, sendo que em 2014, durante a 3ª Bienal da Bahia, foi construído como espaço aberto para visitação, pesquisa e diálogo com toda a cidade por conta da presença das mediadoras Carol Souza e Camila Souza, além da guarda de acervo Lilian Ventura. A bela interação destas profissionais com a população local e, principalmente, as crianças, tornou o Acervo da Laje um espaço de acolhimento e afeto durante essa experiência. Durante a 3ª Bienal as mediadoras desenvolveram uma série de oficinas de desenho de observação com as crianças, além de bate-papos na laje sobre temas relacionados às artes nas periferias, que foi se tornando uma atividade contínua na existência do Acervo da Laje.

A Casa – Museu – Escola

O conceito de Casa – Museu – Escola é um dos diferenciais do Acervo da Laje, caracterizado pela possibilidade de que, nos espaços periféricos, as pessoas se sintam acolhidas em estruturas sem a rigidez dos museus hegemônicos. Um espaço periférico onde é possível interagir com as obras, dialogar nos espaços, almoçar, deitar em redes, levar mudas de plantas, estudar em um ambiente permeado de obras de arte, pesquisar sobre o território. Tudo isso em ambientes próximos das nossas vivências, por conta da própria arquitetura das casas das periferias e suas lajes, que são ambientes de socialização, trabalho e festividades.

Neste sentido, o Acervo da Laje tem como característica o acolhimento e fruição dentro de casas abertas, nas quais os visitantes vivem a experiência de ter a arte ao seu lado, no seu território, como parte da sua história.

Da periferia para as periferias: o projeto #Ocupalajes

No ano de 2016, sentimos a necessidade de dialogar com outras periferias de Salvador, por conta desse vazio de espaços de arte nestas localidades. Então, neste ano, formulamos o projeto #Ocupalajes, com o intuito de democratizar as artes nas periferias de Salvador, através de

diversas oficinas com artistas das periferias, bate-papos na laje e exposições nas lajes do Subúrbio Ferroviário de Salvador, próximas às residências dos artistas que eram “invisíveis” nos seus territórios. Assim ocupamos as lajes de Plataforma, Tubarão, Periperi, São Caetano, Marback e Vale das Pedrinhas, transformando esses espaços em galerias de arte interativas e trazendo à tona a memória dessas famílias, do bairro e da produção artística local, tendo como eixo curatorial as “encruzilhadas”, ou seja, pontos de encontro entre a arte e a periferia, até então inéditos.

Em 2018 realizamos a segunda edição do #Ocupalajes, ampliando a diversidade de espaços e territórios, ocupando espaços culturais e também as lajes de moradores das vizinhanças com oficinas artísticas nos espaços e depois exposições nas lajes. Percorremos bairros como Alagados, Plataforma, Engenho Velho de Brotas e Itapuã, ocupando os espaços Culturais Alagados, Centro Cultural Plataforma, Solar Boa Vista e Casa da Música. Nesta edição foi muito importante o deslocamento do Subúrbio Ferroviário de Salvador para descobrir que as periferias sentem falta de iniciativas como essa que trazem as artes visuais para os seus territórios nas mais diversas linguagens.

Sobre as oficinas realizadas tivemos pintura em tela, graffiti, escultura em gesso, fotografia, estamparia, mosaico, pintura em tecido, fotografia pinhole, escultura em madeira e alumínio, xilogravura, entre outras, mesclando artistas da periferia e do centro para justamente provocar diálogos intergeracionais e interterritoriais.

As duas edições foram contempladas por editais públicos, visto que o Acervo da Laje é mantido por recursos próprios de Vilma e José Eduardo, recebendo contribuição voluntária de turistas e visitantes de fora do território, pois, para estes a entrada é gratuita. A primeira edição do #Ocupalajes teve patrocínio da Fundação Gregório de Mattos, da Prefeitura de Salvador e a segunda edição da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Outra exposição realizada no Subúrbio 360, localizado na periferia de Salvador, em 2018, foi “Memórias Afetivas do Subúrbio Ferroviário de Salvador”, que mostrou através de conchas, artefatos históricos e fotografias, a beleza do nosso território que era entrecortado pelos trens (agora extintos) e a beleza do mar e das matas, como a do Parque São Bartolomeu, outrora Quilombo do Urubu, chefiado pela Guerreira Zeferina.

Da Periferia para os centros

Após as experiências com o #Ocupalajes, tivemos outros movimentos de ocupação de espaços considerados centrais como o Teatro Gamboa Nova com a exposição “Os labirintos de Zaca Oliveira”; logo depois, após ganharmos um edital do Goethe Institut para criar o site do Acervo da Laje durante a pandemia surgiu o convite de Keyna Eleison, Pablo Lafuente e Beatriz Lemos para a exposição “A memória é um invenção” no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de setembro de 2021 a abril de 2022. A própria diretora artística do MAM Rio veio até nós fazer o convite, o que foi uma experiência maravilhosa, pois passamos dez dias vendo a montagem e a abertura da exposição e conosco foram dez artistas e colaboradores do Acervo da Laje viver essa experiência expositiva dialogando com os acervos do IPEAFRO/ Museu de Arte Negra, de Abdias Nascimento e do MAM Rio.

Diálogos horizontais

As artes das periferias não podem ser vistas como “artesanato”, apesar de não termos nada contra o termo, mas, de certo, essa expressão invisibiliza artistas que têm uma produção autoral e que precisa ser colocada nos campos das artes, pois implicam, também, em formas de expressão que historicamente foram apartadas do circuito artístico. Neste sentido o Acervo da Laje busca descentralizar essas concepções, trazendo à tona que o dito “artesanato” faz também parte do circuito das artes que foram esquecidas e colocadas em um nível “menor” do que se considera “artes”, que podem ser expostas em galerias e com sua conceituação original de que se trata de artes feitas pelo povo, principalmente das periferias. Quebrar esses estereótipos tem sido uma função exercida pelo Acervo da Laje nos últimos anos, indicando que as memórias e as artes da periferia precisam ocupar outros espaços para “quebrar” a hegemonia existente nos museus mais centralizados e indicar que as periferias estão vivas e produzindo artes que não foram entendidas, analisadas e validadas como tal. Talvez por isso, não tenhamos uma verdadeira dimensão do que é a diversidade das artes brasileiras, sendo importante “furar as bolhas” artísticas ditadas pelos sistemas, pois as periferias sempre foram produtoras de arte negligenciadas e invisibilizadas.

O que é arte? A parede de placas, cavernas de canoas antigas, nomes de barcos e placas: o território representado em sua materialidade estética e o choque que isso provocou nas pessoas

Para nós a arte faz parte do cotidiano e não é essa elaboração muitas vezes canonizada pelo mercado. Por exemplo, na residência artística e na exposição “Subúrbio: uma exposição em três atos”, realizada no MAM Bahia, a convite do seu diretor, Pola Ribeiro, o curador Daniel Rangel e a responsável pelo setor educativo, Bel Gouveia, o que mais chamou a atenção das pessoas foram as paredes repletas de placas de ônibus, placas de venda de geladinho, ou venda de casas, além das conchas, pedaços de ferro da antiga ferrovia do Subúrbio que deixou de existir, além de pedaços de cavernas de barcos resgatadas do mar. Esses artefatos conectaram as pessoas às suas memórias afetivas, por verem expostas pela primeira vez em um museu algo que lhes comunicava e dialogava com suas existência. Importante destacar que nossa curadoria foi feita para dialogar com as pessoas que geralmente não frequentam este museu, que, particularmente, é um dos mais inacessíveis do cidade pelo fato de não contar com um ponto de ônibus no local, além de ter “bilheterias invisíveis” que não permitem o acesso de pessoas das periferias, sendo este um dado histórico, que com muitas iniciativas (oficinas, rodas de conversa, lançamento de catálogo) procuramos quebrar e levar as pessoas para ocupar esse espaço público. Um verdadeiro desafio, pois os museus centrais não estão preparados para receber a população das periferias por diversos motivos, entre eles, a acessibilidade e a mobilidade.

A periferia invadindo o centro: a primeira vez de centenas de pessoas no MAM Bahia

Outro dado muito importante dessa residência artística no MAM Bahia, foi a experiência inédita de um museu central de Salvador convidar espaços de arte periféricos para ocupar seus espaços e realizar diversas atividades e propiciar a entrada de novos públicos, a quantidade de pessoas, das mais diversas idades que disseram em todos os momentos que nunca haviam pisado no referido museu – mostrando como ainda espaços públicos e museais estão distantes da população pelos motivos elencados acima.

Realizamos também diversas rodas de conversa sobre Resquícios: a cidade em suas partes, com o Coletivo Mouraria 53, Arte Moderna e Cultura Popular, com o professor Luciano Santos, Acervos Negros e Insurgentes, com o Zumvi Arquivo Fotográfico, com Lázaro Roberto e José Carlos Ferreira, Oficina de capoeira para crianças com o professor Dentinho, Oficina de desenho e pintura com o artista Zaca Oliveira, lançamento do catálogo da exposição A memória é uma invenção do MAM Rio, com sarau poético de Bruno Black, lançamento do documentário Acervo ZUMVI: o levante da memória, de Iris de Oliveira, lançamento indisciplinado do Atlas das Periferias do IPEA, com a participação da Associação Amigos de Gegê e Moradores da Gamboa de Baixo, Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH), Projeto Cultural Arte Consciente de Saramandaia, Associação Beneficente de Moradores de Saramandaia, Associação Nova República em Santa Cruz, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MBL), Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB) e Grupo de pesquisa Lugar Comum, da FAU/UFBA, lançamento do documentário Memórias do Subúrbio: o que é o Acervo da Laje, com direção de Cecília Veras, Diana Miranda, Tainã Pacheco e Yan Azevedo, além dos três dias de festas juninas produzidas por Fabrício Cumming, também produtor da nossa residência artística e exposição. Em todas essas atividades levamos a dinâmica de que o Acervo é Casa – Museu – Escola, levando comidas, bebidas e caldos para confraternizar e celebrar a vida, pois as curadorias em arte precisam lembrar que vivemos em uma país de extrema desigualdade social e é preciso pensar na fruição artística, mas também na alimentação das pessoas, ou seja, as curadorias precisam ser pensadas para pessoas que precisam se alimentar.

Outro aspecto importante da exposição “Subúrbio: Uma Exposição em Três Atos” é o fato de que todos/as os/as artistas ou a maioria presentes na exposição nunca participaram de exposições no MAM Bahia ou em outros museus da cidade. Entre os meses de abril e julho de 2022, novas obras passaram a ser acrescentadas, com um processo curatorial dinâmico, trazendo obras de artistas que já compunham o Acervo da Laje e jovens talentos que foram convidados/as.

Conclusão: quando nos veremos nas exposições e nos reconheceremos nelas – a arte periférica invadindo o mundo dos nichos das artes “consagradas” pela elite. Quais curadorias queremos?

As questões trazidas neste relato de experiência apontam para uma maior valorização das artes produzidas nas periferias, a partir de nossas curadorias, quebrando a hegemonia das artes e indicando que as periferias estão atuantes nos campos das artes, da memória e da produção artística e estética dentro das cidades e que é preciso, também ocupar esses espaços com arte e memória para ressignificar essas territorialidades estigmatizadas. Também consideramos importantes fazer os movimentos de deslocamentos estéticos e artísticos, ocupando espaços museais centrais como forma de provocar diálogos, encontros e atrair novos públicos para ocupar esses espaços de arte.

Queremos, também, que as periferias sejam conhecidas pela diversidade da sua produção artística e cultural.

Espaços como o Acervo da Laje surgem para documentar e promover a visibilidade dessa produção e tornar possível que ela seja conhecida pelas pessoas de diferentes contextos e territórios, com curadorias que tenham a nossa autoria.
